

A CABANA DE PAI INÁCIO

© 2012 - Conhecimento Editorial Ltda.

A Cabana de Pai Inácio

Pai Inácio e Mãe Joana

Todos os direitos desta edição
reservados à

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais,
é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico,
inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de
gravação —, sem permissão, por escrito, do Editor.

Revisão: Mariléa de Castro

Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da Capa: Banco de Imagens

ISBN 978-85-7618-277-1 — 1ª Edição - 2012

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento gráfico da

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Fone: 19 3451-5440
e-mail: conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Inácio, Pai; Joana, Mãe (Espíritos)

A Cabana de Pai Inácio / Pai Inácio e Mãe Joana [psicografado por Anna Ponzetta]. — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2012.

ISBN 978-85-7618-277-1

1. Umbanda 2. Ficção espiritualista 3. Mediunidade
4. Reencarnação I. Ponzetta, Anna. II. Título.

12-

CDD – 133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance : Umbanda : 133.9

Pai Inácio e Mãe Joana

A CABANA DE PAI INÁCIO

Psicografado por
Anna Ponzetta

1ª edição
2012



Existe um ditado que diz: “A esperança é a última que morre”. E eu pergunto: por que matar a esperança?

Ela jamais morre; o que morre é a ilusão.

Quem espera sempre alcança, se não deposita sua esperança em quimeras.

Pai Inácio.

A esperança é luz que brilha como o Sol, mas pode, às vezes, perder um pouco do brilho em razão das nuvens espessas, porém está sempre lá, e basta que as nuvens se afastem para de novo brilhar com força e esplendor, aquecendo os corpos e os corações, trazendo a certeza de que toda a adversidade é passageira e de que a esperança, assim como o Sol, sempre volta a brilhar.

Mãe Joana.

Apresentação

Aos irmãos que se interessaram em conhecer parte de minha história,¹ deixo a minha gratidão. Não por terem adquirido um livro, mas sim por terem compartilhado comigo dessas experiências que muitas vezes servem de exemplo a tantos corações.

Desejo nesta obra, *A Cabana de Pai Inácio*, continuar o meu relato que, embora breve, traz algumas experiências vividas como espírito aspirante a mentor.

Junto a mim, Deus permitiu que viesse falar também ao coração dos irmãos, Mãe Joana, minha “alma gêmea”, ou melhor, aquela que posso definir como companheira de inúmeras experiências, alma que a mim se devotou creio que desde sempre e a quem muito devo daquilo que sou.

Uma das maiores alegrias que já experimentei, foi ter conseguido de alguma forma alcançá-la na escala evolutiva, a ponto de ter conquistado, através de muito esforço e sofrimento, como bem sabem os irmãos, a graça de unir-me a ela como parceiro de trabalho, além dos laços de amor que unem nossas almas!

A Cabana de Pai Inácio, a obra, é fruto desta parceria que com muito amor e alegria trazemos à Terra, a fim de alimentar, com esperança, fé e amor, todos os corações que por este relato se interessarem.

Pai Inácio

¹ *A História de Pai Inácio* (2008), EDITORA DO CONHECIMENTO.

Introdução

Da natureza devemos extrair apenas aquilo que nos seja necessário, com muito respeito e gratidão.

Trazemos dos mares, dos rios, dos vales, das matas de Aruanda, o fluido necessário para a cura, seja da alma, seja do corpo. Unimos este fluido ao seu semelhante na Terra e os usamos como ferramentas de trabalho para aliviar as dores daqueles que nos buscam cheios de esperança; porém, ter esperança apenas não basta, sem fé, o fluido não funciona e a energia não se movimenta, pois o principal combustível para a cura integral é a fé.

Sob a égide da umbanda, viemos em nome do Bem Maior, em nome de Deus e do Cristo planetário nos reunimos, espíritos dos mais diversos graus evolutivos, em busca de constante renovação através da lapidação de nossas almas, sempre estabelecendo parcerias, de forma tal que nosso trabalho não existiria se o outro, nosso irmão, não existisse para colaborar conosco.

A meta é a união de forças, o dividir conhecimentos para mais tarde ainda mais aprender, mesmo porque ninguém está totalmente pronto para conhecer toda a verdade, nem mesmo nós, espíritos em constante labuta pela aquisição do saber que liberta iluminando consciências.

Porém, saber não basta, conhecer não garante elevação evolutiva e aí entra o grande parceiro sem o qual, o conhecimento é frio, seguindo por vezes pelo caminho inverso, ou oposto, àquele

que nos propomos. Esse grande parceiro e aliado de força realmente superior a toda e qualquer outra força se chama amor.

Quando conheci o amor e o aceitei em plenitude, fui capaz de perdoar sinceramente e a grande cicatriz que havia em meu coração se desfez qual bruma da manhã que recebe os fortes raios solares.

O amor me libertou e permitiu que eu fizesse escolhas conscientes, me mostrou como é pequeno o universo sem ele, como fica limitada e enevoadada a nossa visão com sua ausência.

Foi o amor que me trouxe a esperança de unir ao meu coração aquele a quem tanto odiara um dia, e foi esse imenso amor que me alimentou de força e de coragem para seguir adiante. Foi ele, o amor, que me mostrou o caminho mais seguro, mais iluminado pelo qual eu deveria seguir, pois o ódio nada mais é que a falta de amor e a venda escura que nos tolhe a visão espiritual, nos impossibilitando de reconhecer, no outro, o grande parceiro, amigo, companheiro.

Sabíamos que os primeiros tempos seriam difíceis, que nos depararíamos com fortes resistências e seríamos incompreendidos.

Preparamo-nos para enfrentar esses obstáculos e preparamos um grande número de encarnados para se unirem a nossa luta, cujo principal objetivo era e ainda é o bem, a libertação, a união através do intercâmbio mediúnico que nos permite ajudar-nos e ampararmos uns aos outros, como disse nosso Mestre: “Amai-vos uns aos outros”.

Nossa tarefa seria árdua, bem sabíamos, porém o amor e a necessidade de evoluir nos encorajavam. A bênção de Deus e a proteção de Jesus haveriam de nos sustentar para que seguissemos sem desanimar. Fomos alertados sobre os confrontos que haveríamos de superar com a força do amor, da fé e da esperança que nos anima.

Seríamos responsáveis por uma nova forma de entender a magia e a mediunidade. Nossa base e todo o nosso esforço deveriam alicerçar-se no *Evangelho* de Jesus; esta é a fortaleza onde reside a nossa fé que jamais se apaga, se renova e fortalece a cada dia.

Abraçamos os desafios cientes das dificuldades, dos tropeços e ciladas que nos preparariam aqueles que ainda não conhe-

ciam a Luz Divina, mas que aprenderiam a seu tempo. Talvez viéssemos a ser, nós mesmos seus instrutores, derrotando-os sempre e seguindo adiante amparados pela Divina Luz que já brotava em nossos corações em forma de caridade pura.

Sabíamos, porém, que para vencer o mal e suas investidas a união seria a nossa força e o amor o alimento imprescindível ao nosso espírito. Assim, irmanados nessa corrente cujos elos seriam a força, a coragem, a perseverança e a fé de cada um, viemos à Terra, desta vez desencarnados, com a sublime missão de ajudar, esclarecer, curar e aprender com tudo isso e com os irmãos encarnados mais adiantados que nós.

Nosso objetivo principal é a evolução conjunta, a troca de energias em nome do bem e do progresso que nunca cessa.

Como bem disse Joana, aceitamos o desafio de implantar na Terra, conforme orientação de nossos Superiores, uma “nova” maneira de lidar com a magia, transformando o mal em bem, utilizando as forças naturais em benefício do homem e ajudando nossos irmãos, espíritos da natureza, a evoluírem também através do bem, libertando alguns da escravidão à qual vinham sendo submetidos pelos homens desprovidos, temporariamente, de amor e de fé.

Portanto, não foi apenas com os encarnados que estabelecemos parcerias para tal intento, foi com esses seres amigos e fiéis que nos unimos também através da força soberana do amor em plena harmonia. Seu auxílio, sempre pronto, é valioso para nós; ajudam muito na realização de nosso trabalho, além de sua fidelidade incontestável e pureza de coração; infelizmente, por serem assim tão fiéis e puros, alguns serviam aos homens de má fé.

Conseguimos libertar muitos, porém outros ainda servem a esses senhores maldosos sem o saberem; mas, dia chegará no qual, pelo poder do Pai, todos serão libertados e viverão em paz, pois a maldade não sobreviverá mais neste planeta lindo e azul. E essa é a esperança que ninguém nos tira, pois cremos no poder do Pai, do Filho e do espírito que de fé nos anima, revestindo a nossa alma de alegria, força e coragem para prosseguir.

Começamos então, eu e Joana, a nossa jornada em busca de parceiros encarnados para trabalhar. Conosco vieram muitos

outros com o mesmo objetivo e, sempre que possível, quando um encontrasse receptividade boa o suficiente para o intercâmbio, deveria avisar os outros, pois não buscávamos, de forma alguma, exclusividade junto aos nossos irmãos médiums encarnados; se assim fosse, não seríamos mensageiros de boas novas, nem de boas “coisas”.

Foi difícil, não negamos. Esbarramos em preconceitos de várias ordens e na má vontade humana, o que é pior e ainda mais difícil de aceitar, porém o nosso compromisso estava estabelecido e nada, por mais difícil que fosse, haveria de nos fazer desistir ou desanimar, mesmo porque estávamos todos cientes das imensas barreiras que se nos oporiam à caminhada.



A confusão na qual estava imersa a humanidade quando chegamos, no que diz respeito ao intercâmbio mediúnico, era grande, quase incontável e “perdida” em seus mais sagrados objetivos, porém uma Luz Superior nos uniu para que dêssemos conta de estabelecer a ordem no caos. Jesus era e é essa Luz, portanto nada haveríamos de temer, muito embora a situação fosse realmente difícil e poucos trabalhadores se encontrassem disponíveis e receptivos a nós, que trazíamos a bandeira da simplicidade e da pureza.

Não viemos nos opor ao espiritismo, que começava na época, a espalhar Luz na imensa cegueira espiritual na qual se encontravam os homens, pelo contrário, viemos unir forças, porém, lamentavelmente, fomos “excluídos” de suas fileiras, não pela espiritualidade, mas sim pelos homens de má vontade que teimam em separar ao invés de unir e colaborar.

Entendemos, por fim, o objetivo maior de nossa missão: “Falar aos corações mais simples, sem o verniz do intelecto e da palavra rebuscada”.

Os homens encarnados tendem a separar; alguns aqui no plano espiritual também o fazem, porém, depois que aprendem a amar, deixam para trás a separação e se unem em comunhão de ideais. Por esta razão, estabelecemos grandes e produtivas parcerias com nossos irmãos “aceitos” nas lidas espíritas e se-

guimos adiante, irmanados em plena colaboração, como não podia deixar de ser, pois seguíamos e seguimos ao mesmo Mestre e amamos plenamente ao mesmo Deus.

Embora muitos encarnados tivessem sido preparados para nos receber e colaborar conosco, a dificuldade em estabelecer as primeiras conexões foi muito grande. O preconceito, a falta de conhecimento, a mente sempre envolta em rótulos e outras questões dificultavam muito a nossa aproximação; mesmo depois de todo o trabalho realizado no preparo dessas pessoas, estava ali a grande barreira a ser vencida: a do preconceito.

Sabíamos das dificuldades, porém saber na teoria é uma coisa; a prática é bem outra, pois inibe as nossas mais puras e sinceras intenções.

Nosso líder nos transmitia muita coragem e confiança; era um exemplo de fé, perseverança e bondade. Encontrou receptividade num jovem com o qual estabeleceu forte vínculo, mesmo porque o jovem em questão encarnara mesmo com essa missão, erguer a bandeira da paz e do amor da “nova” religião na Terra,¹ levando aos corações queixosos e amargurados a esperança, a cura do corpo e da alma, reavivando assim a fé, por muitos perdida, ou esquecida num canto escuro de seus corações sofridos.



Pegamos “carona” com nosso líder, ou seja, depois de estabelecido e firmado o contato dele com o aparelho que viria a ser seu parceiro na longa jornada à qual ambos estavam destinados, outras pessoas se uniram ao médium dando-nos condições de trabalho, malgrado a falta de preparo da grande maioria que se dispôs a colaborar, porém, a boa vontade já era um grande começo e nós, de nossa parte, estávamos dispostos e prontos a ensinar e preparar esses irmãos que a nós se uniram de bom grado e de coração, em detrimento daqueles que havíamos preparado no plano espiritual.

Chegava a ser hilária a situação: Um tempo enorme empregado no preparo daqueles que julgávamos estarem de acordo

1 O líder era o Caboclo das Sete Encruzilhadas, mentor de Zélio Fernandino de Moraes, que em 1908 estruturou a umbanda como religião organizada no Brasil. (N.R.)

com nossas aspirações, de repente neutralizado, sem aparente valor. Essa foi uma grande lição para alguns de nós que nos envolvemos nesta tarefa, pois nos mostrou, claramente, que estávamos enganados ao nos anteciparmos aos fatos e condições que encontraríamos aqui.

Soubemos, mais tarde, depois de convenientemente “digerida” a situação, que nosso trabalho realmente não fora em vão e que aqueles que havíamos preparado com tanto cuidado e esmero viriam, um dia, se unir a nós, porém não da forma que idealizamos, mas sim segundo as suas necessidades e seu tempo de amadurecimento; ou seja, vivendo e aprendendo sempre, não tem outro jeito não, meus irmãos.

Bem, de qualquer forma, o tempo para o início dos trabalhos havia chegado e toda ajuda, aliada à boa vontade, era muito bem-vinda.

Alguns médiuns espíritas, após conhecerem a proposta de trabalho de nosso líder e após presenciarem muitas curas e auxílio aos necessitados na humilde casa onde “nasceu” nossa umbanda sagrada, vieram nos ajudar e puderam realizar, também eles, unidos a nós, muitas curas, sentindo-se assim realizados na sublime missão a eles confiada pelo nosso Divino Amigo.

O contingente de encarnados, porém, ainda não era suficiente para tantos espíritos necessitados de trabalho. O jeito era sair “a campo” em busca de corações que pelo menos se afinassem com os nossos e com as nossas intenções de colaborar com o Mestre, servindo em Sua Vinha Sagrada.

Nossa ferramenta principal, a mediunidade e o intercâmbio que o dom possibilita entre os dois mundos, era, porém, fato ainda adormecido entre aqueles que se encontravam prontos a colaborar, mas não sabiam; sendo assim, “arregaçamos” as mangas e fomos à boa luta!

A lua brilhava cheia na grande cidade banhada pelo mar de beleza ímpar. As montanhas completavam a decoração divina, enchendo nossos olhos com sua imponência e força natural.

Caminhávamos, eu e Joana, pela praia linda e perfumada pelo odor que a brisa traz do mar. Conversávamos sobre o trabalho que nos esperava e sobre como seria a melhor forma de realizá-lo, quando notamos flores nas ondas do mar. Elas iam e vinham, flutuavam embelezando ainda mais aquele mar imenso banhado pela luz do luar.

Entendemos imediatamente que se tratava de oferenda à Grande Mãe, Senhora da vida e do mar. Respeitosamente, nos pusemos a sorrir e a vibrar junto com a força da fé que emanava daquelas flores tão belas e foi assim que nos ligamos ao grupo de médiuns que havia depositado ali aquela homenagem tão sincera e tão cheia de fé.

Chegamos a um humilde barracão, chão de Terra, Altar repleto de imagens, flores e velas. A esfera espiritual que envolvia o ambiente era cheia de luz, sinal de que ali as pessoas tinham muita fé, porém, algo que não “combinava” com tudo isso compartilhava do mesmo espaço e, embora destoante, se fazia presente ali uma força contrária, provavelmente plasmada ou pelos próprios médiuns, ou pelas pessoas ali atendidas. De pronto, nem eu, nem Joana, conseguimos compreender do que se tra-

tava. Decidimos investigar a fim de conhecer a real situação do local e de seus trabalhadores e, quem sabe, em breve tempo, trabalharíamos ali, junto àqueles corações que nos haviam chamado a atenção pela força incomparável de sua fé.

Pedimos ajuda a alguns companheiros, no que fomos atendidos prontamente e foi com enorme surpresa que descobrimos a origem da força contrária existente naquela casa que tinha tudo para ser um grande pronto socorro espiritual, não fosse o mau uso da mediunidade que seu dirigente, encarnado, vinha fazendo, comprometendo assim todo o grupo, que de alguma forma sofria pela invigilância daquele que deveria ser exemplo.

A casa, porém, se mantinha prestando auxílio, graças à fé e vontade de grande parte do grupo, sendo o dirigente e outros poucos, as forças contrárias ao bem naquele chão que poderia ser de “estrelas”, a iluminar almas e consciências. Bem sabemos, porém, que a perfeição é uma meta bem difícil de ser alcançada e que todos, sem exceção, haveremos de chegar a ela um dia, apesar da longa estrada que a alma tem de percorrer para tanto.

Decidimos investigar mais de perto a situação, pois entendíamos que embora uma força oposta viesse ao nosso encontro, estávamos aqui na Terra justamente para isso, combater o mal com a força do amor, da boa vontade e da caridade que não busca os sãos, mas sim os doentes, a exemplo do Mestre que nos deixou esta sublime lição.

Montamos a partir daí, uma pequena e singela equipe; sua composição: eu, Joana, Abaré Aram, nosso querido e inseparável companheiro, o guardião Flávio Guerreiro e a menina Luz. Ela adorava ser chamada assim, Luz; mais adiante os irmãos entenderão porque e como foi sábia a escolha desse seu lindo nome.

Estávamos apenas começando o nosso trabalho, e nos reunimos pedindo proteção ao Alto para bem cumprir a missão a nós confiada.

No plano espiritual, pedimos um encontro com o mentor daquela casa, a fim de darmos prosseguimento às nossas investigações e esperançosos de encontrarmos ali condições de trabalho.

Ele nos recebeu após breve espaço de tempo com muita alegria e, para nossa surpresa, com satisfação:

– Que bom terem vindo! Precisamos mesmo de mãos ami-

gas. Nossa humilde casa corre sério risco. Como sabem, trabalhamos com essa equipe há algum tempo; sabíamos que vocês viriam e, de minha parte, os recebo com muita gratidão pelo interesse dos irmãos em nos ajudarem!

– Desculpe, senhor...?

– Sete Chaves. É o nome que adotarei em breve, portanto, prefiro ser chamado assim para ir me acostumando ao novo tratamento que, por força das circunstâncias, terei de assumir.

– É, a boa magia tem dessas coisas, nomes em código, por exemplo, meu irmão!

– Sei disso. Recebemos instruções sobre a “nova” religião que vem repleta de mestres antigos e sábios benfeitores, eu me sinto muito bem por fazer parte desse grupo, muito embora eu já trabalhasse aqui, junto a essa equipe.

– Permita-me apenas uma observação: Entre nós há também espíritos simples que trazem tão somente a sabedoria da vida aliada à experiência física e espiritual, e são muito “poderosos”, pois possuem fé que não se abala nem vacila, amam profundamente toda a criação divina; portanto, desprovidos de alto intelecto, são capazes de tocar qualquer coração.

– Perfeito!

– Pois é, Sete, se me permite a abreviatura, é claro.

– Sim, sem problemas. Vamos em frente.

– Notamos em seu grupo pessoas de muita fé e boa vontade, mas, ao mesmo tempo, existe a força negativa do dirigente encarnado que suponho seja seu tutelado. O que é estranho, visto que o irmão é bom e possui boas intenções, realizando produtivo trabalho no bem junto àquele grupamento. Diga lá então, Sete, o que realmente se passa e como podemos ajudar?

– Tem razão, Inácio. Lamento muito por tudo o que aconteceu, porém não sou dono nem senhor de Alcides. Ele fez sua escolha. Eu bem que tentei como pude alertá-lo, mas ele não me deu ouvidos; aliás, me deu as costas e se aliou às forças negras; eu nada pude fazer. Mesmo assim segui amparando a casa e as pessoas de boa fé e vontade que ali labutam com amor e sinceridade. Foi só por essa razão que segui com o grupo. Pedi muito, em oração, que o Pai Maior me mandasse ajuda e agora vocês aqui estão, graças a Ele e à Sua Infinita bondade.

– Ele jamais desampara a seus filhos, jamais.

– É verdade, Inácio, não fosse Sua Poderosa Mão, eu já teria desistido e seguido meu trabalho por aqui mesmo, porém, o Grande Mestre nos ensinou que é junto aos necessitados e doentes que temos o dever de estar. Sendo assim, renovo as minhas forças diariamente em Seus Sagrados ensinamentos; eles me alimentam e encorajam a seguir.

– Qual é a real situação do médium Alcides?

– Vaidade espiritual, que leva à cobiça, aos desmandos, à caridade sem amor que visa interesses pessoais imediatistas e mundanos, atraindo assim outros seres que vibram na mesma sintonia e interesses; é como se fosse uma casa sem vigia, nela qualquer um entra e se acomoda.

– Situação complicada a dele! E os outros? Como procedem? Acaso não percebem a situação de seu líder?

– Percebem, Inácio, porém, nada podem fazer diante dele, pois como você mesmo disse, ele é o líder, portanto fica difícil alguém enfrentá-lo, não é mesmo?

– Sim e não amigo Sete, pois, sempre há quem toque um coração ainda que endurecido ou perverso, sempre há alguém que possa falar, instruir e orientar, ainda mais quando se trata de um encarnado comprometido com a mediunidade.

– Como já disse, eu tentei com todos os recursos de que disponho, porém a mim, que era seu mentor, ele não ouviu; mas compreendo o que quer dizer, amigo Inácio, e afirmo que outros também tentaram falar ao coração dele sem sucesso.

– Sendo assim, estamos diante de um caso difícil e complicado. Conheço bem essas histórias, meu irmão. Já falaram, por acaso, com quem o está dominando?

– Tentamos repetidas vezes, sem sucesso. O dominador em questão é extremamente endurecido, vaidoso, caprichoso, porém dotado de uma inteligência que vai além de minha parca compreensão.

– É, meu irmão, vejo que a luta vai ser dura; espíritos assim como você descreveu são duros na queda e, quando encontram campo fértil para realizarem seus desejos, dificilmente abandonam o cenário.

– Pai Inácio, permite-me dar uma opinião?

– Certamente, Flávio!

– O médium Alcides corre grande perigo, maior do que imaginam. Acredito que o dominador esteja manipulando as energias não somente do médium em questão, mas as do grupo todo e, quando não houver mais interesse de sua parte – sim, pois percebo um objetivo bastante preciso no caso – ele abandonará Alcides, deixando-o à mercê de entidades que apenas zombam e que se encontram perdidas, desorientadas, fato que pode, tranquilamente, levar o médium a sério desequilíbrio mental. O perigo é grande.

– Eu já tinha pensado nisso, companheiro Flávio, porém, devo confessar que tive dificuldade em acessar informações mais precisas quanto ao caso devido ao desgaste que esta situação vem provocando em mim e nos meus companheiros.

– Certamente, Sete. Vocês também estão sofrendo com essas influências negativas que o grupo do dominador espalha. Na verdade, ele, dotado de inteligência ímpar, sabe como desarmar vocês aqui e lá, entendem?

– Companheiro! A “coisa” é complicada mesmo!

– É sim. Ele só tem dominado a situação até agora porque não encontrou, e me perdoe, Sete, pelo que vou dizer, resistência à altura do lado de cá. Veja, Sete, não estou menosprezando seu grupo de forma alguma, só quero deixar bem claro que vocês não estão preparados, nem são especializados neste tipo de confronto, não estão habituados a lidar com este tipo de espíritos. Espero que me compreenda.

– Estou entendendo, companheiro Flávio. Temo que você esteja certo. Só uma dúvida: por qual razão os guardiões que trabalham em meu grupo não perceberam a situação e não se movimentaram, a fim de buscar ajuda? Afinal esta é uma das suas funções, não é mesmo?

– Você os tem visto, Sete? Tem falado com eles?

– Sim, na verdade nos reunimos há pouco tempo.

– E o que eles disseram sobre o caso?

– Que estavam analisando, investigando, observando, que tinham um plano, porém iriam apresentá-lo a mim após a conclusão dos detalhes do mesmo, foi isso que me disseram.

– Você não notou nada diferente ou estranho neles?

– Deixe-me pensar... Creio que não, pareciam os de sempre,

cada qual com suas maneiras, trejeitos, falas, nada errado. Por que pergunta?

– Tenho uma suspeita muito forte de que eles, os guardiões, não sejam eles mesmos. Acho que o dominador ou “criou” cópias deles, ou os submeteu a forte hipnose.

– Meu Deus! O que você está me dizendo, Flávio?

– Calma, Sete, esta é uma hipótese que devemos considerar, investigar. Percebe agora como a inteligência pode ser manipuladora?

– Certamente, porém jamais imaginei que os guardiões pudessem cair numa cilada.

– Você é muito bom Sete; parece que vive num mundo onde a malícia já não existe mais.

– Tem razão, Flávio, às vezes esqueço que o mal existe e talvez seja este o meu grande erro.

– Sem culpas. Acertar e errar faz parte de nosso aprendizado. Nós mesmos já erramos muito; hoje estamos aqui procurando errar menos e acertar mais.

– E você, amigo Inácio? O que pensa sobre a exposição de Flávio?

– Faz todo sentido. Enquanto falavam, eu cá, com meus botões, pensava: “estamos lidando com forças poderosas; haveremos de ter muito cuidado, além de buscar mais aliados, pois a briga vai ser feia, meus amigos!”.

– Permitem que eu opine?

– Evidente, Joana!

– Embora a situação seja perigosa e o mal pareça ter se feito senhor, o bem ainda oferece enorme resistência. Percebem que, não fosse a fé firme e a vontade de servir da maioria, as coisas poderiam já ter se agravado, concordam?

– Sim, responderam todos ao mesmo tempo.

– Pois é meus irmãos; na minha opinião, devemos sondar os guardiões que trabalham com Sete, a fim de, a distancia, percebermos o que há realmente com eles, já que Flávio levantou tão grave hipótese.

– Mãe Joana! Era exatamente isso que eu ia sugerir na sequência! Posso deslocar-me agora, se quiserem.